

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**O CONHECIMENTO À LUZ DO SUPER-HOMEM
NO ZARATUSTRA DE NIETZSCHE**

**CURITIBA
2004**

MAX DE FILIPPIS RESENDE

**O CONHECIMENTO À LUZ DO SUPER-HOMEM
NO ZARATUSTRA DE NIETZSCHE**

Monografia apresentada à disciplina
Monografia II como requisito parcial à
conclusão do Curso de Filosofia, Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Alexandre Gomes Pereira.

**CURITIBA
2004**

Para ninguém.

Ó vós que buscais o melhor e o mais
elevado nas profundezas do saber, no
tumulto da ação, na obscuridade do
passado, no labirinto do futuro, nos
túmulos ou nas estrelas! Sabeis o seu
nome? O nome do que é tudo e um?

F. Hölderlin

Semelhantes aos que param na rua,
olhando embasbacados os passantes:
assim eles, também, esperam e olham
embasbacados os pensamentos que
outros pensaram.

F. W. Nietzsche

SUMÁRIO

RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	1
1- O SUPER-HOMEM COMO O SENTIDO DA TERRA	7
2- O SUPER-HOMEM ENQUANTO VONTADE DE PODER	14
3- O HOMEM, A VIDA E A SABEDORIA	23
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	41

Resumo

O “super-homem” como “sentido da terra” é a própria vida, realidade que apenas se constitui desde o conhecimento humano, que é sempre experimentação da vida, consistindo então em perspectiva: criação e apresentação da realidade como fenômeno numa ordenação do conhecimento e experimentação da vida de acordo com uma valoração, ou seja, vontade, que ordena e apresenta o mundo – vontade da própria vida. Então o “super-homem” é a realidade da vida vindo a ser na vontade que se manifesta no homem, como expressão da própria vida, aparecimento que vem a ser no homem para o homem como o próprio homem, pois este dá sentido para a vida que, assim, se manifesta tomando forma, sendo a vida esta perspectiva, possibilidade de si mesma. O homem sendo a vida no manifestar-se de sua vontade é o próprio “super-homem”, é a própria vontade perspectivística do conhecimento, pois é a própria experimentação da vida, concepção de si mesmo. Mas, é apenas enquanto possibilidade da manifestação do “super-homem”, da vida e de sua vontade. É no vir-a-ser da vida, sendo a sua eterna criação. A vontade da vida configura-se como “vontade de poder” um “eu” que se constitui como corpo, sendo o espírito o meio da realização da sua vontade, sendo estabelecimento da medida, valor, que concebe a realidade, que é sempre já ordenada pela vontade do corpo através do espírito, vontade que já somos desde sempre, a vida que somos sem escolha, transformação do mundo sempre já acontecendo. A vida é já apresentação e realização de sua vontade no seu vir-a-ser, como essência e aparência de si mesma, sendo o essencial da vida seu aparecer como vontade do corpo que se manifesta no espírito como sentido que o homem atribui à vida. Sentido, este, da realização da “vontade de poder” da vida sempre já como aparecimento de realidade ao propor-se na forma de valores através do homem, tomando forma e sentido. O homem é, pois, a vida mesma que se experimenta, ordenando seu conceber da realidade, em sua apresentação no conhecimento como vontade que configura continuamente o seu querer, avaliar, criar a realidade. A vida é este constituir-se mutável, sendo a totalidade daquilo que é e sua contínua transformação e efetivar-se, que, assim, constitui o próprio homem no seu conhecer da realidade como conceber da própria vida. É, então, preciso vigor e força de realização do conhecimento para dar forma à realidade. Ou seja, a “vontade de poder” da vida no homem impõe-se, assim, como sentido e valoração no conhecimento do homem, que dão forma à realidade. Usando desta força dá à vida a forma dos valores daquela “vontade de poder”. É, assim, vir-a-ser da realidade na forma de conhecimento, experimentação do mundo através de forma de valor de uma vontade possibilitada pelo “super-homem”, por si mesma.

Introdução

A filosofia moderna enquanto teoria do conhecimento pressupõe uma ontologia do sujeito, ou seja, suas investigações partiriam deste ente que se constituiria como o próprio homem. Baseou-se, assim, na idéia desta subjetividade, que seria o caráter fundamental deste ente, consistindo no fato de que o homem teria o seu ser baseado na internalidade de seu pensamento representativo, que ao receber os dados do mundo exterior, por suas percepções, os articularia na forma de conhecimento. Estaria, dessa forma, o homem contraposto, como um sujeito do conhecimento, a um mundo, realidade ou natureza, em que se lhe apresentariam os demais entes como objetos à disposição de seu pensamento. Por meio, então, desta faculdade é que ele toma contato com o mundo, com os objetos, vindo a conhecê-los e determinando, assim, o seu caráter, estruturando um saber acerca das coisas, definindo-lhes sua verdade, sua constituição e ser próprios. Tudo isso se revelaria para este sujeito devido àquela faculdade especial que ele possuiria, a capacidade de ser conhecedor dos objetos em sua essência.

Mas aqui o conhecimento começa a se mostrar como algo não muito consensual, pois, afinal, o que é essência? Qual a essência das coisas? Há algo mais por trás da existência enquanto aparência? Como se dá o acesso às coisas? O objetivo é por si só ou está toda a verdade dentro do sujeito em estruturas capazes de serem esquematizadas? Mas se é tudo subjetivo não é tudo psicológico, relativo e irreduzível a uma única verdade? E mesmo assim, como então se constituem as coisas e como se pode dar o conhecimento? Estas são todas questões nas quais se desenvolveu a teoria do conhecimento na filosofia moderna, questões decorrentes mesmo da sua pressuposição de uma ontologia da subjetividade, que nunca foi questionada. Mas só com a determinação do que seria esta interioridade do pensamento é que se poderia solucionar o grande enigma do conhecimento.

Com tais questões se ocuparam os filósofos, que, assim, na busca por sua verdade, a verdade desta subjetividade, chegaram a rígidos sistemas de tradução da realidade por trás do fato aparente da existência. Discussões intermináveis foram

tratadas com a mais alta seriedade nessa ascensão em direção a uma verdade incondicional e absoluta, que simbolizaria, assim, o fim de uma condição humana de ignorância, o terrível mal a ser combatido. A verdade da vida e da existência estaria, assim, em algum outro plano que a sustentaria, e o maior bem que se poderia alcançar seria o dessa verdade.

Em meio a todas essas discussões é que surge F. W. Nietzsche (1844-1900), que, ao invés de estruturar esquemas de conceitualização do real e tradução de sua verdade escondida, nos fala da unidade do fenômeno da vida, que não obedeceria a nenhuma razão escondida ou verdade fundamentadora de sua realidade, mas seria nada mais do que o próprio dar-se gratuito em totalidade daquilo que é, pura afirmação de si. E, na descrição dessa força afirmadora, Nietzsche não fala em nenhum tipo de categoria ou qualquer conceitualização formal, surgem termos enigmáticos e obscuros que tentariam dar conta desta totalidade. A vida, portanto, não estaria contraposta a nada além de si mesma, não fazendo sentido aquela estruturação de um “fora” de si através de um “dentro”, o sujeito, pois este, também seria, não uma coisa ao lado das coisas do mundo, mas, tal como estas, mais uma das aparências nas quais vida se dá. E, assim sendo, a sua própria denominação como sujeito, instância interior do homem, seria, já, problemática. Por este caminho, o pensamento, e conhecimento, não se revela como simples faculdade do homem, como se ele pudesse simplesmente escolher pensar ou não, conhecer ou não, mas como o seu modo próprio de ser, existir. O seu viver consistiria no pensar, no realizar do conhecimento.

No seu livro “Assim Falou Zaratustra” (1883/85) Nietzsche apresenta o seu “super-homem”; nesta obra, diz ele mesmo em “Ecce Homo” (1888), o conceito de “dionisíaco” teria se tornado ato supremo, pois o seu Zaratustra fundiria em uma nova unidade todos os opostos através deste mesmo espírito “dionisíaco” - espírito este de afirmação da diversidade da vida e aceitação da constituição de sua realidade pela gratuidade de seu vir-a-ser, a vida como uma vontade que se manifesta e transforma, no homem, através de seu conhecimento, pelo contraste das suas posições valorativas, entre todo “bem” e “mal”, toda “essência” e

“aparência”, etc.. Por isso é que, nesta unidade da diversidade de todos os opostos da vida e na sua afirmação, **“o homem é superado a cada momento, o conceito de ‘super-homem’ fez-se ali realidade suprema”**¹. O homem é superado, pois no vir-a-ser da realidade da vida continuamente se transforma, sendo o seu viver o sempre conceber esta realidade tal como ela se apresenta diante da avaliação que é o seu conhecimento, que sempre traduz aquilo que o homem quer e valoriza e que se transforma de acordo com este querer, transformando, assim, o próprio viver do homem. Neste vir-a-ser da realidade é que se dá o viver do homem, o valorar de seu conhecimento, que se revela como um querer que no experimentar o mundo já o concebe com uma ordem, no sentido de ordenação e separação das coisas, preferindo umas em relação a outras. Isto, devido justamente ao conhecimento ser atribuição de valor por uma vontade, que sempre quer mais, sempre quer além, procurando sempre pelo que seja melhor, pelo que lhe é bom, exaltando, assim, sempre um bem, que é o sentido de todas as coisas, da vida do homem, sua medida de tudo. E é por esse sentido de sua vida que se dão suas superações de todo mal, seu transformar-se em direção ao que ele julga bom - o que é transformação da própria vida, ou seja, de todo “bem” e “mal”.

A vida manifesta-se no homem, então, como essa vontade que quer superar a si mesma, enquanto “vontade de poder”. Por meio dessa vontade manifesta em seus valores, que constituem sua ordenação do mundo e sentido de sua transformação, é que o homem concebe a vida através de seu conhecimento, valorizando-a de alguma maneira e pondo esse valor acima de qualquer coisa, como valor máximo da vida. O viver do homem é a manifestação gratuita da vida no vir-a-ser de sua vontade, que se apresenta no querer do homem, faz deste sua vontade. É a vida a sua própria vontade, “vontade de poder”, que é vontade de realização, que, enquanto realidade, é já vontade e realização de seu apresentar-se no homem e para o homem, no seu conhecer da realidade como valoração desta, ou seja, da vida.

¹ Nietzsche, F. W. Ecce Homo. In: _____. Assim Falou Zarathustra. São Paulo: Max Limonade, 1980. p. 130.

Este conhecimento da unidade da vida como vontade que vem a ser através do homem é o que o Zaratustra de Nietzsche vem comunicar aos homens em seu ocaso, em sua descida do refúgio na montanha. O personagem do livro diz estar cansado de sua sabedoria, que havia sido ajuntada em excesso, e que agora transborda. Mas o que é isso que Zaratustra conhece, o “super-homem”? Como é que se caracteriza esse saber da gratuidade da vida e de seu manifestar-se enquanto realidade que se apresenta ao homem?

Ele se apresenta com aquele espírito dionisíaco de afirmação da vida, de sua diversidade e vontade realizadora, que se manifesta no homem em seu conceber da realidade, orientado por um conhecimento valorativo da vida, que contrapõe, sempre, os elementos formadores desse configurar da realidade da vida, suas instâncias, “bem” e “mal”, analogamente, o que é “bom” e o que é “ruim”, aquilo que considera “verdade” e o que é “ilusão”, “essência” e “aparência”. Estas contraposições, que têm sua unidade na “idéia do Dionísio”, ou do “super-homem”, não só fazem parte da existência humana, mas são ela própria, a vida é o valor que lhe é atribuído no conhecimento, no conceber do mundo, próprio do homem, entre aquilo que ele almeja e o que despreza, na oposição, portanto, entre aquilo que maximamente valora e o que acha terrivelmente funesto.

Diante disso, o ato do conhecer é encarado, por esse espírito de afirmação da vida, como o fazer-se e apresentar-se da realidade para o homem, sendo o produzir de um fenômeno, arte e criação de uma totalidade da experimentação humana da vida, determinada pelos valores de seu conhecer e conceber a sua realidade - experimentar este, da realidade segundo o conhecimento humano, que surge como expressão da própria vida, do valor que se atribui à existência, segundo o manifestar-se da própria vontade da vida no homem. Todo conhecer repousaria, então, sobre a ótica, a ilusão, o perspectivístico, o erro,² pois não seria a exata tradução de uma realidade dada, pronta e acabada, que forneceria uma verdade irrefutável acerca da vida, visto que a própria vida se transforma no vir-a-ser de sua vontade através do homem, apresentando-se para este como parâmetro de seu

² Idem. O Nascimento da Tragédia. In: _____. Tentativa de Autocrítica. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 18-20.

conhecimento e concepção da realidade, que se transforma de acordo com aquela vontade. Por isso, o conhecimento pretenderia algo contraditório: determinar o que é a realidade quando ela não pode ser determinada devido à sua contínua mutabilidade, e quando ele não pode apreendê-la em sua totalidade, pois o conhecimento é resultado sempre de uma valoração que apenas permite experimentar a realidade da vida de uma maneira determinada, como perspectiva. Propondo-se a ser absoluto, o conhecimento propor-se-ia, então, a estabelecer como forma única um modo daquilo que pode ter infinitas formas: a vida. Configura-se apenas como a visão particular e parcial, sempre mutável, de uma totalidade sempre presente, pois dela fazemos parte, mas apenas experimentada numa determinada perspectiva. Esta totalidade da vida que se apresenta como indeterminável em termos absolutos, no entanto, não pode deixar de ser determinada, dado que se evidencia de imediato ao existir humano como conhecer, experimentar e produzir da própria realidade em sua manifestação e vir-a-ser, que permite e dá a própria existência do homem.

Para se ter uma compreensão do significado disto é preciso decifrar que conhecimento é este, o que tem em vista o super-homem, e saber como ele é possível enquanto conhecimento da unidade de todos os opostos, conhecimento da totalidade. Com base nisto, seria ele o conhecimento que suplantaria a condição de parcialidade de todos os saberes, abarcando e eliminando as diferenças entre “essência” e “aparência” e, como consequência da valoração atribuída a esses conceitos, entre todo “bem” e “mal” concebidos pelo homem. Este saber é o conhecimento, então, daquilo de que o conhecimento oferece suas perspectivas, aquilo desde o que estas também são possíveis: a realidade do mundo, a vida, tomada como possibilidade de todos os sentidos do conhecimento humano e, portanto, de toda forma que ela mesma possa tomar para o homem. É o conhecimento do “super-homem” o conhecimento da unidade de todos os opostos, o conhecimento da vida. É o “super-homem” a própria vida.

Visto tudo isso, cabe-nos agora investigar, através da análise de alguns dos discursos de Zaratustra, o que é o “super-homem” e qual a sua relação com o

conhecimento, e também por quê se pode dizer que ele é a própria vida e como esta se revela como vontade. Uma vez feito este percurso será dado em um segundo capítulo o esclarecimento e detalhamento desta vontade como “vontade de poder”, ou seja, vontade da vida que é a própria vida vindo a ser no homem configurando, assim, o seu conhecimento e, conseqüentemente, ao mundo e ao homem mesmo no seu valorar a realidade entre todo “bem” e “mal”, concebendo-a entre “essência” e “aparência” - que é a vida mesma, como vontade, propondo-se ao homem através de seu conhecimento, ou seja, unidade destas formas valorativas que no conhecimento se desdobra, dispondo, assim, a realidade. Será visto como esta “vontade de poder” manifesta-se no homem na forma do amor que este possa ter pela vida, como este amor não só determina o caráter do seu conhecimento, mas é ele próprio. Da análise dessa relação de amor do homem pela vida será conduzida, no terceiro capítulo, uma investigação da conseqüente relação dele com seu conhecimento, ou sabedoria, enquanto relação dependente do amor que a própria vida possa ter por ele, que é “vontade de poder”, o “super-homem”, a vida mesma que vem a ser através de si - no homem e no conhecimento.

1- O super-homem como o sentido da terra

Como primeiro passo dessa investigação, tentar-se-á evidenciar o conceito de “super-homem” através da caracterização fornecida por Nietzsche no Prólogo de “Assim Falou Zaratustra”, a partir da terceira parte do mesmo, quando o personagem apresenta à multidão o caráter de sua sabedoria e seu presente aos homens, tendo em vista, principalmente, a afirmação de que **“O super-homem é o sentido da terra.”**³, ou seja, de que o “super-homem” é o sentido da vida e a vida mesma.

“Terra” é usada aqui com o sentido da vida dos homens, contraposta a um suposto céu, ou mundo supra-sensível, cujas formas ideais o homem deveria alcançar. Assim, com o uso dessa palavra alude-se a um sentido da vida que a valorize tal como se apresenta imediatamente a nós, como realidade do mundo que nos cerca e com o qual nos relacionamos de acordo com um conhecimento determinado por uma perspectiva que, ao vir a ser no homem, configura a realidade da vida segundo uma ordenação de preferências e valores. Dessa forma, não se admite como sentido e fundamento do conhecimento da vida um ideal situado em um “outro mundo”, e, portanto, fora da vida, em um mundo que não existe, pois a vida só se apresenta em um mundo, neste mundo. Por isso Zaratustra roga aos homens: **“permaneçei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas!”**⁴, pois estes seriam envenenadores e desprezadores da vida que atribuiriam **“mais valor às entranhas do imperscrutável do que ao sentido da terra!”**⁵; ou seja, querem deixar de lado o sentido e realidade da vida que se apresenta enquanto fenômeno à experimentação humana e procurar por um sentido e fundamento que estaria fora dela, e, portanto, fora de sua realidade, e assim se preocupam em chegar a formas ideais e acabadas, conceitos absolutos que traduziriam a verdade, realidade da vida, de maneira pronta e simplesmente dada, negando a variedade da experimentação humana e das perspectivas do conhecimento. E, com isto, estariam apenas almejando uma forma única, ideal, imutável de conhecimento, que significaria não querer a mutabilidade da vida, da

³ Idem. Assim Falou Zaratustra. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 3. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 36.

⁴ Ibidem. p. 36.

⁵ Idem.

realidade, tal como se apresenta no mundo, almejando, assim, um outro mundo, ideal, estático, estagnado, ou seja, uma outra vida. A alma destes homens desdenha seu corpo e quer escapar dele e da terra⁶, ou seja, da vida.

Esta procura por um conhecimento absoluto só se dá por se ignorar o fato de ser o conhecimento criação da experimentação humana, pois sem ela a realidade não poderia se apresentar, e, assim, não poderia haver conhecimento algum sobre nada e o próprio homem não poderia se conceber e não existiria; **“afinal, só se vive a experiência de si mesmo.”**⁷. Dessa forma, o conhecimento se reformula continuamente, pois é a perspectiva da experimentação humana que não cessa de se apresentar como realidade, visto realizar-se como expressão da própria vida que vem a ser no homem, neste **“eu que cria, que quer, que estabelece valores e que é a medida e o valor de todas as coisas.”**⁸. O conhecimento, portanto, reformula-se devido à natureza mutável da própria vida, que se expressa no homem como saber do mundo que sempre se transforma (por consequência da sua experimentação da vida), que é sempre perspectiva de nova experimentação da vida e realizar-se da sua criação; e por isso diz Zaratustra: **“Abrem-se aqui, diante de mim, todas as palavras e o escrínio de palavras do ser: todo o ser quer tornar-se, aqui, palavra, todo o devir quer que eu lhe ensine a falar.”**⁹. Ou seja, é através da experimentação que o saber do homem se exprime na apresentação da realidade como aparecimento, que se dá desde a ordenação de uma perspectiva que conhece e experimenta a vida. Quer dizer, uma ordenação e aparecimento segundo os parâmetros que são valorados pelo homem em seu conhecimento, que são manifestação de uma vontade que sempre está no homem ordenando e apresentando-lhe o mundo, vontade da própria vida que ordena e faz aparecer a si mesma através do homem.

É, portanto, no querer e vontade do homem - vir-a-ser da vida e de sua vontade neste - que se determina a configuração da realidade como fenômeno que se conhece e experimenta, consistindo neste contínuo apresentar-se o contínuo

⁶ Ibidem. p. 37.

⁷ Idem. In: _____. Terceira parte, O Viandante. p. 187.

⁸ Idem. In: _____. Os discursos de Zaratustra, Dos Trasmundanos. p. 57.

⁹ Idem, In: _____. Terceira parte, O Regresso. p. 221.

movimento da vida. Esta, então, vem a ser, enquanto realidade, como o sentido que a sua própria vontade toma, sendo, portanto, este próprio sentido, que é a sua realidade, sua forma de manifestação. E o sentido da terra, ou seja, da vida, o “super-homem”, é a realidade mesma vindo a ser através da vontade que se manifesta no homem. Pois a vida sempre apresenta, dentro do saber do homem - que é o seu modo característico de viver e conceber a realidade - um sentido no qual é concebida. Aqui forma e sentido tornam-se iguais, já que a forma de apresentação da realidade só vem a ser no sentido mesmo de sua constituição enquanto tal, ou seja, movimento de geração de forma, o sentido de geração e transformação da vida, sentido de sua vontade manifesta no conceber do homem da realidade. O “super-homem” é a vontade vindo a ser no homem, o próprio sentido da vida. Mas este sentido e vontade vindo a ser no homem é a própria realidade constituindo-se e apresentando-se ao homem. São o fazer-se da vida do homem no homem como o próprio homem. É o “super-homem” o sentido da vida e a vida mesma, realidade vindo a ser enquanto aparecimento que se conhece e se experimenta, apresentando-se como um querer da vontade que se manifesta no homem.

Mas o homem não tem prestado muita atenção a esse apresentar-se da realidade e da vida, o seu próprio constituir-se. Permanece enquanto manifestação da vontade da vida e do “super-homem”, mas em um direcionamento do sentido de sua vida no qual tem desprezo por sua realidade e almeja formas de um “outro mundo”. Ignora, assim, o “super-homem”, aquilo desde que ele mesmo e sua vontade se constituem. Mas, sendo assim, essa vontade de um “outro mundo” é também manifestação dessa mesma vontade da vida, do próprio “super-homem”, que, dessa forma, ou com esse sentido no qual direciona o seu manifestar-se, quer aniquilamento de si mesma enquanto movimento de forma, quer desaparecer enquanto esse próprio movimento. Como a vida é sempre continuidade e vir-a-ser dessa sua vontade como sua própria constituição e realidade, esta vontade de fim do movimento, ou seja, vontade de forma cristalizada, ainda é a sua continuidade e o seu vir-a-ser, na medida em que mesmo esta forma ainda se dá desde transformação e aparecimento de forma, que é o próprio sentido da terra, da vida, do “super-homem”, portanto, do próprio homem.

E este é o sentido das palavras de Zaratustra a respeito do “super-homem”, quando diz que o homem é algo que deve ser superado¹⁰, e que o homem é um rio imundo, sendo preciso um mar para absorvê-lo sem se sujar¹¹. Alude-se aqui a uma incessante transformação e vir-a-ser da vida, o que já estaria presente desde o começo da história e percurso de Zaratustra. Este percurso é caracterizado por Nietzsche como um ocaso, comparado ao próprio ocaso do sol, pois Zaratustra, assim como o astro-rei, desceria de sua montanha para, incessantemente, despejar sua luz, sua sabedoria, sobre os homens¹². Sua luz é justamente a do “raio” chamado “super-homem” e Zaratustra vem anunciá-lo aos homens no seu ocaso, sua volta à humanidade depois do acúmulo de sua sabedoria, ajuntada em excesso e que agora transborda. Sua sabedoria é o saber do “super-homem” como sentido da vida, da vida que constantemente vem a ser, como contínuo movimento de transformação da totalidade daquilo que é. Assim, o “super-homem” é a vida vindo a ser desde si, como se estivesse transbordando. Os homens que se têm direcionado para uma fuga do vir-a-ser transformador da vida devem, portanto, ser superados (**“que desapareçam, pois, de uma vez!”**¹³) e dar lugar àqueles que, fiéis à terra, lançam-se impetuosos e sem medo ao movimento da vida dando-lhe nova forma e sentido. Ou seja, em seu ininterrupto apresentar-se, a vida toma forma nos homens, que, na contínua transformação desta, devem vir a ser e desaparecer sucessivamente, assim como tudo o mais de sua realidade, pois ela é movimento de forma que deve se desconstruir para sempre se constituir novamente.

Por isso o homem é um rio imundo que desembocando no mar da vida é diluído, cumprindo seu percurso e chegando ao seu destino; ele é apenas uma forma que a vida toma até que se desgaste e se torne feia, suja, podre e morta, mas que faz parte de um todo maior que o contém, assim como a toda outra forma. Este todo, além de ser totalidade de todas as formas, é também a sua transformação em novas formas, que também cumprirão seu percurso e chegarão ao seu destino, quer dizer, é sempre a própria vida destinando-se enquanto realidade que, realizando-se, se transforma sempre em nova forma no homem, que, então, é sempre novo

¹⁰ Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 3. p. 36.

¹¹ Ibidem. p. 37.

¹² Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 1. p. 33.

¹³ Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 3. p. 36.

homem. Sendo assim, quanto àqueles homens que se direcionam para o fim do movimento de transformação da vida que se apresenta em seus próprios corpos, por almejam um outro mundo, só se pode dizer: **“Pudessem eles de outra maneira, também haveriam de querer de outra maneira. Os meio-terminos estragam todo o inteiro. Que as folhas murchem – que há nisso a lamentar!”**¹⁴. E, em folhas secas, pode-se atear fogo, fogo transformador do vir-a-ser da vida.

Por isso o velho da floresta reconhece Zaratustra como um incendiário¹⁵, pois o fogo que ele traz como presente aos homens é o super-homem, abundância e riqueza da vida em seu transbordar, seu transformar-se incessante. E é nesse sentido que o homem deve sempre ser superado, ele é sempre esta transformação e vir-a-ser do “super-homem” e capacidade de tornar-se algo além de si mesmo. Mas o homem não tem feito nada mais do que procurar algo fora da vida através de ideais ultraterrenos, e, dessa maneira, desprezou a vida desdenhando o mais terreno, seu corpo, tornando-o **“magro, horrível, faminto.”**¹⁶. Pensava, assim, estar se livrando da vida na terra, mas estava apenas deixando-a desgastada e suja. Por isso, foi, até então, um rio imundo dentro do mar da vida, do “super-homem”, que pode comportar todas as possibilidades de manifestação da vida do homem, todo “bem” e “mal” de suas perspectivas, sendo o “raio” de sua eterna transformação.

E, por isso: **“O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo.”**¹⁷. O homem sempre dá um sentido para a sua vida e concebe a realidade de determinada maneira, a forma que a vida toma desde sua vontade manifesta no homem como conhecer da vida mesma. As formas e sentidos da vida são as concepções do conhecimento sobre a realidade, suas perspectivas, as infinitas possibilidades do mar de manifestações da vida vindo a ser e aparecendo para o homem no homem como o próprio homem, que ao atribuir sentido a este aparecimento, atribui sentido à realidade e à vida. Assim, estabelece seu conhecimento da vida concebendo-se como algo que teria uma origem e uma finalidade. Pode se conceber como um animal, como evolução deste, ou

¹⁴ Idem. In: _____. Terceira Parte, Dos Renegados. p. 217.

¹⁵ Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 2. p. 34.

¹⁶ Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 3. p. 37.

¹⁷ Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 4. p. 38.

simplesmente como produto da natureza, e pensa também que tudo é produto e efeito de algo maior, que quer investigar, entender e alcançar, orientando-se numa busca por esta origem, desde a qual pensa ser possível a vida.

O homem é, então, sempre a corda que se põe entre duas instâncias, e se encaminha no sentido de uma delas. O homem, que em nossos tempos, se proclama uma evolução do animal, sai deste ponto e põe-se em direção à sua transformação, ao “super-homem”, mas concebe este apenas como um ideal, uma finalidade que deve alcançar fora desta realidade que a ele se apresenta, uma forma a se atingir fora da vida, e, assim, não se abre para o mar das possibilidades da própria vida. Mas deve entender o homem que as próprias pontas, as instâncias, onde está amarrado, como corda e ponte, são a vontade da vida manifestando-se nele como conceber da realidade entre a forma que ela toma enquanto perspectiva de si mesma e aquela que quer, que ainda virá a ser no movimento e sentido de sua vontade, no atravessar por sobre si mesma, o abismo. Os pontos onde o homem se apoia só são, existem, desde ele mesmo, as coisas são, aparecem, a partir do fato de que ele conhece e experimenta a realidade ao ser corda, ponte, perspectiva. E sendo perspectiva, o homem é a própria vida vindo a ser no manifestar de sua vontade e realidade, a vida que é o abismo que se mostra para si mesma, no homem, concebendo-se entre instâncias de si mesma. E, por isso, o próprio homem é o “super-homem”, pois é a própria vida, que só se manifesta a partir dele constituindo-se como realidade. E assim é também a vida dentro de si mesma, de sua realidade, pois é o rio “homem” dentro do mar “super-homem”, sendo apenas uma possibilidade, portanto, deste último; a forma que a realidade toma enquanto perspectiva, sentido do viver da vida, de sua travessia por si mesma, do abismo, em direção ao “super-homem”, à vida mesma, que será sempre a realidade vindo a ser, “super-homem”, abrindo, mostrando, possibilidade de vida para o homem no seu criar, conhecer e experimentar a si mesmo.

Na busca de uma forma ideal tentar-se-ia atingir algo impossível, visto que a vida é contínua transformação no vir-a-ser de sua vontade no conceber de sua realidade pelo homem. Os ideais querem que a vida seja o que ela não é, ou seja,

forma fixa, estagnada. O “super-homem”, o sentido da terra, a verdade da vida, não é um ideal. Nele a vontade quer ser apenas o que ela mesma é no movimento de ser o que é, o que a própria vida é: próprio movimento de ser, ininterrupto constituir-se em seu vir-a-ser e por isso contínua transformação de si em si mesma. Dessa maneira, o homem, na ação de seu viver, está sempre em processo, transformação e, assim, sempre assumindo nova configuração de si e do mundo. É sempre esta transição, ponte entre ele e ele mesmo, é sempre ocaso, declínio que cai de si em si mesmo, é sempre vir-a-ser. Este é o movimento da própria vida, do “super-homem”, que transforma e configura o homem sempre em nova forma, só se realizando com o homem, vida que está sendo no homem que se transforma. E o “super-homem” vem como “raio”, súbita lembrança ao homem de que ele não é só o que tem sido até agora, de que nele se realiza o próprio movimento da vida, seu ocaso, declínio, transbordar da vida e transformação do homem como movimento da vida e expressão do “super-homem”. A vida é transformação e movimento, mudança e superação de si mesma, movimento de ser o que é, possibilidade e variedade da própria vida em contínuo vir-a-ser e transformação de si mesma, processo, é sempre criação.

2- O super-homem enquanto vontade de poder

Dar-se-á neste ponto um esclarecimento do “super-homem” como vontade da vida, ou seja, como a própria vida em seu constituir-se enquanto realidade, e como a conseqüente unificação de “essência” e “aparência”, e assim também como “corpo” e “espírito”. Pois, como afirma Zaratustra: **“Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas ‘espírito’, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão.”**¹⁸, e, também: **“De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que o sangue é espírito.”**¹⁹.

O sangue faz significa aquilo que é o mais íntimo e próprio, o que propriamente nos faz, nos constitui, denotando assim nosso próprio sangue que nos dá a vida. Dessa forma, o escrever com sangue é escrever com a própria vida, arrancar de dentro de si o que lhe é mais íntimo e vital. Daquilo que se escreve, aprecia-se somente o que se escreve com a própria vida. Se se escreve com a vida, aprende-se que a vida é espírito. É um modo no qual não se escreve à toa, ou de qualquer maneira, mas em que há empenho em escrever, elabora-se a escrita através de sacrifício próprio, e então escrever é, ao mesmo tempo, a própria vida, o próprio sangue, que é o próprio espírito. Mas por que sangue é espírito?

O espírito é, como dito, a pequena razão de uma grande razão, ou seja, o elemento racional do corpo, a consciência, faculdade do pensamento, etc., mas é instrumento e criação de uma outra razão, o corpo, que faz o “eu” desta consciência. O corpo é o que Nietzsche chama de “ser próprio” (“si mesmo”), o “dominador do eu”²⁰, pois todas as vontades do “eu” são vontades do corpo que se realizam pelos sentidos e pelo espírito, seus meios de experimentação do mundo. O espírito é, então, com seus pensamentos, meio de realização da vontade do corpo, e foi também criado pelo corpo, por sua “vontade de poder”, vontade de realização de realidade, nisto consistindo a vida mesma do espírito (existência).

¹⁸ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Dos desprezadores do corpo. p. 60.

¹⁹ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Do ler e escrever. p. 66.

²⁰ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Dos desprezadores do corpo. p. 60.

Portanto, o corpo cria o “eu” e através dele quer e realiza a sua vontade de experimentar o mundo, e, com isso, estabelece valores sobre o viver. Pois querendo e realizando a sua vontade através de um “eu” que experimenta a realidade, é medida e valor para todas as coisas. E apenas sendo ele medida e valor para todas as coisas é que pode haver realidade, ou seja, experimentação da vida. O espírito é parte do corpo e instrumento de realização da vontade deste no estabelecer o valor de todas as coisas, no experimentar a realidade. Então, o espírito e o próprio corpo são expressão e realização já deste estabelecer valor que experimenta a realidade, pois este estabelecer sempre já é dado. Sempre já experimentamos o mundo, tudo que nos cerca, e queremos alguma coisa, por que no experimentar o mundo já o concebemos com uma ordem, naquele sentido de ordenação e separação das coisas, preferindo umas em relação a outras. Relacionamos todas as coisas de acordo com uma vontade, aquela vontade do corpo que já somos sempre, pois o corpo desde sempre já nos foi dado, como vida, mas ordenamos essas relações através do espírito, que é expressão e meio de realização do corpo, que é então concebido pelo espírito mesmo, apesar de ser antes o corpo quem nos cria, pois por meio dele é que nosso “eu” vem a ser.

E por isso o corpo é vida – a vida que somos desde sempre e não escolhemos. Somos criação de sua vontade de realização, que já é vontade e realização. Aqui podemos entender, então, por que sangue e espírito são a mesma coisa, pois são corpo, vida, “vontade de poder”, vontade e realização, o “super-homem”, experimentação e transformação do mundo sempre já dada e acontecendo - expressão e vontade da vida, do sangue, através do espírito, que já é a vida vindo a ser por sua própria vontade; vontade da vida que se apresenta no homem já como uma inclinação, ou seja, aquilo para o que já se é propenso desde já, que é como um desde sempre, ou seja, aquilo que se dá naturalmente. É uma vontade já realizada, irrefreável, contra a qual não adianta lutar. Mas, mesmo uma vontade que se volte contra sua natural inclinação, como força de vontade, e que não está realizada, é uma “vontade de poder” manifesta no espírito como meio da realização do corpo, da vida, “super-homem”, através deste corpo, da vida através de si mesma – através da sua forma já realizada.

Há, contudo, o risco de esta força de vontade tornar-se vontade contra a vida, vontade de não realização, de não vontade, vontade de repouso e morte, vontade que despreza a vida. Mas, mesmo quando se despreza a própria vida e o corpo, e se procura por ideais ultraterrenos, obedece-se ao corpo que se manifesta e quer com o espírito. Mas este é um corpo que quer morrer, pois não consegue mais se realizar, criar para além de si, para além do que já é. Não realiza mais a sua vontade e torna-se vontade de não realização, por ressentimento. Tem o sangue fraco, vontade fraca, e, então, já não realiza, apenas pode maldizer aquilo que é realizado e que tem o sangue forte.²¹

Se o realizar-se da realidade é o expressar-se do corpo com sua vontade através do espírito, concebendo e ordenando o mundo por valoração, o corpo ressentido, por não conseguir realizar a sua vontade, começa a destruir o mundo, sendo expressão de uma pura negação deste. Valoriza-se, então, um mundo ideal, que seria melhor do que este e mais verdadeiro, e do qual viria toda a verdade deficiente deste mundo de puras “aparências”, contrapostas às “essências” puras daquele. Mas estas “essências” são apenas idealizações inacessíveis justamente por não haver um “outro mundo”. Esta idealização seria a valorização, na valoração do conhecimento da realidade, de um não-mundo, uma não-vida e um não-corpo, expressão de uma vontade sem poder de realização – causa de todos os ideais ascéticos de transcendência e desprezo do corpo para a purificação do espírito. Mas, se o corpo é desprezado, também se despreza o espírito, pois este é expressão e meio da realização daquele, é o próprio corpo e sangue se manifestando. Se a vontade de realização da vida e, conseqüentemente, o corpo são valorizados, segue-se àquela vontade do sangue, vontade da própria vida, na realização da vontade do corpo pelas atividades do espírito, pelas criações humanas, como o escrever com sangue.

Assim, segue-se ao “sentido da terra”, o “super-homem”, que é o sentido da vida, valorizando-se a terra e o corpo para a realização da vontade da vida, e não algo ideal e ultraterreno, “fantasmagórico” e sem sangue. Assim, pode-se escrever

²¹ O problema representado por esta “vontade fraca” que acaba se ressentindo da vida que ela mesma é está melhor desenvolvido no contexto do capítulo seguinte (p. 25 – 34).

com sangue, tendo como pano de fundo da vida a própria vida em seu realizar-se, que, então, não é fundo ou fundamento algum. É o puro apresentar-se do que é em seu vir-a-ser por si mesmo – vida como “essência”, ou “aparência”, de si mesma, e não “aparência” de algo ideal. A “aparência”, ou apresentar-se, da vida é sua “essência”, pois o essencial da vida é seu aparecer e constituir-se como realidade. Seu constituir-se, ou apresentar-se, se dá desde ela mesma, apresentando-se no homem e para o homem como “vontade de poder”. Vontade e realização deste apresentar-se e aparecer da vida no homem para o homem, que sempre já recebeu e concebe o mundo e a vida em alguma forma.

A forma de apresentação da vida, do “super-homem”, do mundo, é a realidade desta, sua própria efetividade, que é a realização da sua “vontade de poder” como vontade do corpo que se manifesta no espírito, não só para a efetivação desta realidade, mas também para a sua transformação no viver do homem. Este sempre atribui um sentido para a vida, que é o sentido da transformação desta, o sentido da própria “vontade de poder”, realização de sua efetividade. Pois a vida não pode ser vivida sem sentido, sendo o sentido da vontade da vida já sua realização e aparecimento. Na transformação da vida e superação das formas e sentidos de sua vontade já realizados, inventam-se sempre novos sentidos, novas formas de a vida ser vivida. E, por isso, corre-se sempre aquele risco de atribuir um valor ideal e imutável ao sentido que se dá à vida, que deve, assim, voltar-se para um “bem” absoluto, tornando a sua vontade vontade dessa verdade incontestável, atribuindo culpa ao que esteja fora desse sentido de vida. Perde-se, dessa maneira, toda a inocência daquela vida que, despreocupadamente, transformava-se continuamente em busca de sua plena manifestação, o sempre manifestar-se e transformar-se na superação de seus limites, através da criação incessante de seu mundo, sua própria vida, seu corpo, por seu próprio sangue e espírito. Mas a vida não pode deixar de querer, e, assim, propõe-se em valores através dos homens, tomando forma e sentido, mesmo quando o espírito é expressão de um corpo com vontade fraca, que não se realiza plenamente. Ele ainda é expressão da vontade do corpo e, então, escreve com sangue, mesmo que ralo. Mas, então, por que valorizar o que é escrito com um sangue que não seja

ralo? Por que é preciso dar sentido para a vida, e empenhar-se nisto, se ela sempre tem um sentido?

Inevitavelmente, também, o homem sempre procura a superação das formas conhecidas da vida, procurando sempre o que seja melhor, ou aquilo o que lhe exige o corpo e o sangue para dado momento da vida, que é expresso no espírito dentro daquilo que ele mesmo já concebe da realidade, expressão já das exigências do corpo. E isto é a vida: corpo e espírito que se transformam incessantemente, e que só são um desde o outro, sendo a apresentação de dois aspectos de um mesmo que sem eles não seria possível de ser apreendido por si mesmo: a vida. Se esta não fosse assim, não seria de fato, pois só é na existência do homem, que dentro do movimento de transformação da vida tem sua própria transformação, sendo sempre o conceber e apresentar-se da vida por meio dele. Por que a vida sempre aparece com um sentido, com um valor atribuído desde vontade, é que Zaratustra afirma no seu discurso “De mil e um fitos”: **“Uma tábua de tudo o que é bom está suspensa por cima de cada povo. Vede, é a tábua do que ele superou, é a voz da sua vontade de poder.”**²².

Diz Zaratustra, no mesmo discurso, que o maior poder encontrado na Terra é o bem e o mal. Cada povo e cada homem, encontrando-se sempre entre o que é bom e o que é mau para si, busca o que é bom, exaltando, assim, um bem. Este bem é justamente aquilo que é difícil de ser conquistado, mas indispensável para que esse homem, ou povo, se conceba e se constitua enquanto tal. Pois é o sentido de todas as coisas, de sua vida, é sua medida de tudo. E é por esse sentido de sua vida que se dão suas superações de todo mau, seu transformar-se em direção ao que ele julga bom. Mas, de maneira geral, esse sentido sempre foi, e nunca deixará de ser, um sentido humano, um sentido das coisas que é necessário ao homem no seu avaliar a vida, sendo ele, por isso, como Nietzsche denomina, através de seu Zaratustra, aquele que avalia. Ou seja, é aquele que cria, pois:

“Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas.

²² Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, De mil e um fitos. p. 85.

Somente há valor graças à avaliação; e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência. Escutai-o, ó criadores!”²³.

Isto é mais uma descrição da vida e do “super-homem”, que vem a ser, por sua vontade, no homem, e que, neste, se impulsiona à superação de si mesmo, incessantemente se transformando, não sendo outra coisa do que esta sua própria vontade, que desde sempre é já realização do aparecimento do mundo para o homem, que em seu viver, que é sempre avaliar, concebe a realidade na separação de suas instâncias, de acordo com o valor que atribui às coisas no impulsionar-se sempre no sentido de uma manifestação plena da vida. Quer ele sempre realizar seu querer, e, para tanto, precisa sempre ordenar a vida de acordo com a direção dada pela “vontade de poder”, exigida pelo corpo, querendo a sua transformação. E, por isso, é esse seu avaliar, o criar de sua vontade, a vontade da vida, na direção de sua realização, daquilo que está além do que já é. O que já é é meio para a realização do que se quer, para a criação da realidade da vida, que se cria continuamente.

Falando ainda deste “avaliar” diz Zaratustra em um outro discurso:

“Muitas coisas o ser vivo avalia mais alto do que a própria vida; mas, através mesmo da avaliação, o que fala é – a vontade de poder!” –

(...)

Em verdade, eu vos digo: um bem e um mal que fossem imperecíveis – isso não existe! Cumpre-lhes sempre superar a si mesmos.”²⁴.

Ou seja, como já vimos, a vida sempre supera a si mesma, enquanto “vontade de poder”, por meio dela mesma manifestando-se no homem e em seus valores, que constituem sua ordenação do mundo e o sentido de transformação deste. Mas ainda não fica respondido por que, se a vida não tem um ideal, é preciso

²³ Ibidem. p. 86.

²⁴ Idem. In: _____. Segunda Parte, Do superar a si mesmo. p. 146.

dar-lhe um sentido e empenhar-se nele, se o sentido lhe é inerente? Por que é preciso escrever com sangue, se a tinta que se usa sempre será de sangue?

Ora, é só prestarmos atenção a tudo o que já investigamos, o que talvez fique mais claro utilizando mais uma parte dos discursos de Zaratustra:

“Que temos em comum com o botão de rosa, que estremece ao sentir sobre o corpo uma gota de orvalho?

É verdade, amamos a vida, porque estamos acostumados não à vida, mas a amar.

Há sempre alguma loucura no amor. Mas há sempre, também, alguma razão na loucura.”²⁵.

Amamos a vida valorizando-a de alguma maneira, sempre querendo o que ela tem de melhor, pondo esse valor acima de nossas cabeças como valor máximo da vida. A loucura que há nisso consiste justamente em pormos esse valor acima de qualquer coisa, inclusive da própria vida. Pois mesmo alguém com valores que chamamos hoje “materiais”, que não se arriscaria a morrer por nada, muitas vezes justamente se empenha e se desgasta na procura incansável de um estado cômodo e sem riscos, ou que aperfeiçoe seu “sedentarismo técnico” ao máximo. Sem contar que muitas vezes, pode cair na armadilha cômica da conquista de fama, *status*, ou coisas do gênero. Mas com seus “estômagos frágeis” estão mais para os “botões de rosa”. Nietzsche, porém, quer falar dos “escritores sanguinários” que ele denomina, neste mesmo discurso, como “bestas de carga” ou “guerreiros”, que têm em comum com os “botões de rosa” esse amor pela vida. Eles também põem, assim, em seu amor, algum valor acima de tudo, mas de modo diferente.

Existem, pois, formas diferentes de amar, formas de se dar valor à vida. Quando amamos, preferimos, escolhemos, queremos aquilo que amamos. O amor é uma loucura, pois não se explica, não dá razões, mas direciona o espírito. É pura afirmação de si mesmo, só fazendo sentido para quem ama, sendo a partir desse amor, na forma de valores, que pode a vida ter algum sentido, lógica e razão. É esse amor a “vontade de poder” que movimenta a vida. De acordo com as formas deste

²⁵ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Do ler e escrever. p. 67.

amar, entendemos a vida de alguma maneira e lhe atribuímos com essa forma algum sentido. Pode-se amar com despreocupação, mas pode-se, também, amar querendo asseguramento de tudo, devido a um sentimento de dever, impróprio ao movimento de transformação da vida, sendo assim, sempre um amor ressentido, que quer mal à vida. Assim, leva-se a vida para um sentido de paralisação, congelamento, “borboleta de coleção”. É um amor inconsciente de sua vontade de matar o objeto de sua paixão devido à sua passionalidade. Mas o que seria de tal amor se não tivesse sempre o que de novo amar, se a vida estancasse?

Quando se pensa que a vida não tem sentido, por não existir uma verdade da vida que seja imutável, e que por isso nada vale a pena, pois é tudo igual, tem-se um desamor pela vida e no fundo ainda a mesma vontade de algo irrealizável. E desta maneira torna-se a existência um dissabor, tirando-se todo brilho e sentido intenso que a vida possa ter, reduzindo-se toda experiência do viver a mais um insignificante instante de uma mesmice, mero acontecer e apresentar-se da vida por falta de essência, ou seja, motivo que valha a pena e justifique qualquer ação. Mas tal desamor sempre anseia por um objeto de seu afeto, pois só é a desilusão da perda de um sentido da vida, e que está apenas ressentido também. Assim, é também um amor que não deixa a vida se manifestar de maneira mais intensa, de modo a direcioná-la a um máximo de exaltação e esplendor de seu próprio movimento de transformação.

Com este sentido de ressentimento com que é encarada a vida, ela é podada e, por isso, se a tem desmerecido. Mas se se experimenta a vida desde o poder de superação das suas formas, pode o homem então dar vazão à “vontade de poder” da vida que sempre o fez se contorcer de desejo de realização, decidindo-se por não temer a realização de sua vontade e principalmente o seu empenho nesta realização. E, somente no encarar a vida como superação sempre em transformação, sem culpa com relação a um dever, e como lugar da realização da criação humana do mundo através do sentido que tem o seu querer, é que se tem a possibilidade de se levar a vida no modo mais próprio de toda sua exuberância e possibilidade de infinitas realizações do querer. Nesta multiformidade da vida

devolve-se a ela sua inocência e despreocupação de sua continua transformação. Isto acontece quando o próprio homem se põe em busca de sua plena manifestação, plenitude de si mesmo enquanto ser que cria e dá sentido às coisas, o sempre manifestar-se e transformar-se na superação de seus limites, através da criação incessante de seu mundo, sua própria vida, seu corpo, por seu próprio sangue e espírito, na criação e elaboração do sentido de sua vontade e na realização desta vontade, que já é vontade e realização da vida. Tem-se assim a possibilidade de se experimentar o movimento de mutabilidade da vida, de modo que o homem mesmo faz e participa desse movimento da realidade em toda a sua graça, leveza e gratuidade. Amado-se a vida em sua mutabilidade e querendo dela o máximo de sua manifestação, pode o homem conquistar o riso da despreocupação em meio a tragédias e guerras, dançando com a leveza de seu querer, pois seu querer revela-se a vontade da própria vida, que é já a sua realização e do acontecer do mundo.

3- O homem, a vida e a sabedoria

Vimos, nas seções precedentes, que a configuração da realidade da vida se dá, essencialmente, como aparecimento, querendo dizer, então, que ela se constitui enquanto “vontade de poder” que se efetiva no apresentar-se como realidade para o homem, sendo o próprio homem parte deste aparecimento, parte do movimento de constituição da vida e efetivação de sua realidade que a experimenta e ordena o seu conhecimento desta. Ele é a vida mesma que se experimenta, parecendo, em um primeiro momento, para si mesmo, algo dado como um simples fato, existente de maneira acabada e definitiva, assim como todo o resto das coisas que o cercam, que estariam à simples disposição de seus sentidos para a percepção e ordenação de um conhecimento sobre a sua realidade, que seria a de algo já concluído e pronto, simplesmente à espera de seu achado e investigação. Todas as coisas, ou esta sua realidade, apresentar-se-iam como objetos, inclusive o próprio homem, em sua forma determinada de constituição segundo uma “essência” ou “natureza” substanciais, de forma definida e concluída. Isto seria, então, completamente independente da forma de o homem lidar com esse fato dado de sua existência e de sua cultura, valores e vontade, que apenas mascaram com suas “aparências” a verdade da realidade da vida. Mas, vimos também, e pudemos concluir, que a vida enquanto “vontade de poder” é sempre já forma assumida como vontade do homem, ordenada e arranjada em seu conceber a realidade; e, por isso “corpo” e “sangue” são “espírito”, “essência” é “aparência”, e, também, “natureza” é “cultura”, visto que a forma própria de constituição do homem no vir-a-ser da realidade da vida é o seu lidar com esta através de seu querer que ordena e concebe o mundo, ou seja, a sua forma própria de constituição é existir por uma vontade que se manifesta através dele. Essa vontade é a vontade da vida, “vontade de poder” do corpo que se realiza com o espírito, sendo a vontade que o impulsiona para sua transformação, para o “super-homem”; sendo o próprio “super-homem” a transformação e o processo, sendo ele também o “corpo”, o “sangue”, o “espírito” e a própria vontade, pois ele é a vida. E é o “super-homem” o próprio homem, posto que é através deste que o mundo e a vida se constituem como “vontade de poder”, é através dele que todas as formas e fenômenos se manifestam, é ele a corda que se estende até o “super-

homem” e conduz a ele, ou seja, é através dele que a “vontade de poder” da vida vem a ser, como aparecimento e transformação para a própria constituição da vida.

O viver do homem é, então, o conceber da realidade da vida, conforme esta se lhe apresenta em seu conhecimento do mundo, e nesta apresentação é a “vontade de poder” que se manifesta e transforma no homem, configurando, continuamente, todo seu querer e avaliar a realidade, quer este a reconheça como “vontade de poder” ou não. Nisto constitui todo o vir-a-ser e apresentar-se da realidade, que é o viver do homem enquanto o valorar de seu conhecimento. Como valor conferido por uma vontade, o conhecimento revela-se como um querer, que, experimentando o mundo, atribui-lhe disposição e forma, sendo um arranjo do mundo e ordenação de sua realidade. E, através da vontade manifesta no conhecimento, ou pelos seus valores, não só se constitui a ordenação do mundo, mas também o sentido de transformação deste em seu vir-a-ser, pois é o sentido da valoração que, também, impulsiona a superação destas próprias formas assumidas de conhecimento da realidade.

A diversidade das formas e a vontade realizadora da vida manifestam-se, assim, no homem, ou seja, em seu conceber da realidade, um conhecimento que valora e arranja os elementos formadores desse configurar da realidade - suas instâncias hierárquicas e classificatórias. É, pois, o viver do homem a manifestação gratuita dessa vontade da vida, que vem a ser e se apresenta no querer do homem como conhecer e conceber a realidade, já que a vida é a sua própria vontade, “vontade de poder”, que é vontade de realização, e, enquanto realidade, é já vontade e realização de seu apresentar-se no homem e para o homem, no seu conhecer da realidade como valoração desta, ou seja, da vida. O conhecer é o fazer-se e apresentar-se da realidade como homem para o próprio homem, é a criação de sua experimentação da vida, determinada pelos valores de seu conhecer e conceber a realidade, sendo manifestação da própria vida, do valor que o homem atribui à existência, segundo o manifestar-se da própria “vontade de poder” no homem.

A vida enquanto “vontade de poder” do “super-homem”, manifestando-se como realidade que o homem conhece, é a possibilidade de todos os sentidos que possa tomar o conhecimento humano, e, portanto, de toda forma que esta realidade do mundo possa tomar para o homem em seu experimentar desta, sendo que, enquanto forma assumida pela vida, é forma efetivada da realidade, ou seja, forma assumida e possibilitada pelo “super-homem”. Todo o realizar das atividades humanas se dá desde um conhecimento, um conceber desta realidade, sendo este, portanto, o caráter fundamental do viver do homem, que, assim, é sempre criação, vir-a-ser da vontade da vida, da própria realidade. A essência do conhecimento é aparecimento, faz-se e constitui-se o tempo todo, sendo mutável o tempo todo. A vida humana, tomada como saber, ou conhecer, do mundo, é, então, vontade de realização da criação e experimentação humana da vida, que se dá pela superação de suas formas anteriores de manifestação.

Tentar-se-á, a partir deste momento, tornar as considerações precedentes não só mais claras, mas também relacionadas a um sentido geral a que o texto de alguns discursos de Zaratustra nos remete. Estará indicada e justificada, conseqüentemente, a definição do “super-homem” como sendo a própria vida, além de esclarecida a relação deste com o conhecimento, segundo a própria caracterização feita por Nietzsche nestas passagens.

Em seu “Canto de dança”²⁶, Zaratustra descreve a relação que existe entre ele, a vida e sua sabedoria; algo como um triângulo amoroso, sendo que ele ama somente a vida, mas é condescendente com a sua sabedoria por ela lembrar-lhe demasiadamente a vida. Acontece neste discurso que, ao chamar a vida de imperscrutável, esta responde a Zaratustra que ela é apenas **“mutável e selvagem e, em tudo, mulher...”**²⁷, sendo que os homens a denominam através das formas que almejam em seus ideais ao presentear-na com as suas próprias virtudes, ou, como mais parece ser, com aquilo que mais desejariam possuir, assim como Zaratustra só a chama de imperscrutável por não a poder perscrutar totalmente. Ora, a vida é insondável e, também, indenominável, pois é a totalidade daquilo que é e

²⁶ Idem. In: _____. Segunda Parte, O canto de dança. p. 137.

²⁷ Ibidem. p. 138.

sua contínua transformação e vir-a-ser, nunca efetivando-se como forma definitiva. Pode apenas ser investigada e experimentada de maneira parcial no seu apresentar-se para o homem segundo as formas valorativas de seu conhecimento, consistindo nisto o seu efetivar-se e constituir-se; que é o próprio efetivar-se e constiuir-se do homem, que sem o seu saber do mundo, conhecimento da realidade e da vida, não teria conhecimento e percepção de si mesmo, ou seja, não existiria, pois não teria conhecimento ou percepção de nada. Existindo, ele experimenta o mundo por seu conhecimento , ou seja, atribui valor à vida, que não é nada mais do que ver e procurar nela aquilo que ele valora maximamente, aquilo que quer para si e acha virtuoso segundo o impulso e manifestação da “vontade de poder”, o próprio movimento de constituição e aparecimento da vida, que, nele, dessa forma se efetiva. Quem quer por meio de seu querer é a vida mesma.

A vida é “mutável”, e de maneira “selvagem”, e por isso é “indomável”. O amor de Zaratustra pela vida é aquele amor que põe um valor acima de qualquer coisa. É “vontade de poder”, vida ordenando- se e assumindo forma de acordo com seu manifestar-se como vontade no querer dos homens. É a partir desse amor, como forma de valor, que a vida toma sentido, ou seja, constitui-se enquanto realidade, e, assim, também se constitui Zaratustra. Esse amor vem a ser segundo a vontade da vida, e, de acordo com as formas deste amar, entendemos a vida de alguma maneira e transformamos essa forma em algum sentido. Já vimos que pode-se amar com despreocupação ou querendo asseguração de tudo, devido àquele dever-ser que quer se impor ao movimento de transformação da vida, sendo assim, sempre um amor ressentido, que quer mal à vida, quer domá-la. Este é o perigo de querer parar todo o movimento da vida, e, conseqüentemente, o seu vir-a-ser e efetivar-se enquanto realidade, para ter o poder absoluto de sua delimitação em um conhecimento incondicional.

Um exemplo deste amor ressentido pela vida pode ser encontrado no discurso “Dos desprezadores do corpo”²⁸, no qual Zaratustra descreve o que acontece quando não se consegue mais acompanhar o movimento de mutabilidade da vida e tenta-se, dessa forma, imobilizá-la em uma forma única de apresentação

²⁸Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Dos desprezadores do corpo. p. 59.

de sua realidade. Quando se cansa desse movimento de manifestação, apresentação e constituição da realidade e, portanto, da própria vida, precisa-se de repouso. Isto é sinal de que a vida torna-se um peso, um fardo que devemos carregar. Nossa vontade torna-se fraca, nosso querer não se realiza, sentimo-nos impotentes diante do apresentar-se da realidade, o “corpo” não consegue “criar para além de si”²⁹; ou seja, aquele livre agir e efetivar-se da vontade do “corpo” através do “espírito”, através de si mesmo, não encontra a vazão de sua realização. O corpo passa a, constante e crescentemente, tentar projetar-se para a realização de seus anseios, mas sem sucesso, fica cansado do movimento da vida e de sua exigência de constante força e disposição, e quer segurança, algo fixo, estável, passando a apenas idealizar os acontecimentos, imaginá-los. Como não se tem mesmo a experiência de sua realização, passa-se a viver apenas com as formas ideais daquilo que se quer, estendendo-as a toda forma daquilo que efetivamente é. Assim, passa-se a idealizar a realidade, tenta-se enquadrar a vida dentro das formas ideais do que se pensa conhecer, mas que na verdade são formas de um querer, conceber a realidade e a própria vida, que não encontram realização, não encontram realidade, a não ser como algo em que se possa pensar. Não se suporta mais o movimento de constituição da vida que exige sempre a incessante disposição de vigor do corpo para o sempre criar, e voltar a criar, em toda a experimentação e conhecer da realidade no realizar da vontade e valoração da vida através do homem, e, assim, o corpo não age mais, senão através do espírito, que, ressentido da vida e de seu corpo por não poder efetivar-se enquanto vontade, tenta a todo custo “capturar”, ou encontrar, a vida em um configurar de sua realidade que a molde e estanque seu movimento de constante mutação em uma forma idealizada por seu único meio ainda existente de realização, o puro pensamento. Este é o único meio para a satisfação de uma “vontade de poder” de um corpo cansado e que quer repouso, e que é vontade de cessar todo movimento para a satisfação de um capricho egoísta, uma vontade contraditória, pois enquanto “vontade de poder” é uma “vontade impotente”, que não pode vigorar e manter-se como realização, é uma vontade que não pode, apenas deseja, imagina, pensa. O que ainda é uma forma de realização da vida, mas que é fraca, sem expressão e que definha, querendo, igualmente, que toda outra expressão de realização da vida extinga-se.

²⁹ Ibidem.

Domar a vida é justamente o que tenta fazer esse tipo de amor, que também é “vontade de poder”. A “vontade de poder” é, no homem, a manifestação do amor pela vida, e por isso é que se pode compará-la à mulher, e não só por causa de sua inconstância temperamental, ou seja, alternância contínua da disposição de seu humor e vontade (de poder). A vida, seu segredo e a verdade de sua constituição, na forma de sabedoria, é o que quer conquistar o homem do conhecimento com o seu amor, sua “vontade de poder” - assim como quer conquistar a mulher que ama. Mas toda forma de conhecimento tomada pela sabedoria humana já não é a forma em que se manifesta a vida, que é mutável e temperamental, nunca permanecendo com um mesmo feitio. E, então, o sábio, ou homem do conhecimento, precisa estar, constantemente, a segui-la em suas mutações, pois quer sempre conquistar o amor e a verdade desta mulher de gênio selvagem que é a vida. Acontece que, quando Zaratustra encontra com uma velhinha e, a pedido desta, fala a respeito da mulher³⁰, esta acaba lhe confiando uma “pequena verdade”. A velha diz a Zaratustra que, apesar de ele conhecer pouco as mulheres, tinha razão naquilo que delas dizia, provavelmente porque à mulher nada é impossível, assim como à vida e ao vir-a-ser de sua realidade. A vida, sendo o “super-homem” e sua “vontade de poder”, é a possibilidade de todas as coisas, isto é, contendo em si todas as possibilidades, nada lhe é impossível. E, finalmente, a velha formula assim a sua pequena verdade: **“Vais ter com mulheres? Não esqueças o chicote!”**³¹.

Em seu “O outro canto de dança”³², Zaratustra zanga-se com a vida por se sentir tolo e cansado em sempre segui-la e cantar para ela, e, assim, ameaça usar seu chicote, parecendo estar tentando domá-la. Mas, na verdade, o usar dessa violência é querer realizar a sua vontade, “vontade de poder” da vida mesma. Portanto, é um querer efetivar-se da própria vida através de Zaratustra, que, ao querer usar de seu chicote, quer dar forma à realidade dela, dar-lhe a direção de um caminho, orientá-la, dar-lhe sentido para que possa aparecer e apresentar-se. Do contrário, ela permaneceria como puro movimento descontrolado e sem forma, não assumiria um sentido desde o amor e valoração do homem, perdendo-se de vista, pois o homem sem dar-lhe, e dessa maneira impor-lhe, um sentido não a pode

³⁰ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Das mulheres, velhas e jovens. p. 91.

³¹ Ibidem. p. 94.

³² Idem. In: _____. Terceira Parte, O outro canto de dança. p. 267.

conceber. Mesmo que o sentido de sua “vontade de poder” se manifeste como abandono da busca de um sentido, a vida, através desse tipo de vontade, ainda se manifesta e se configura, mas seria apenas uma outra maneira de manifestação, de algum modo contrária ao seu movimento mais próprio de constituição. Seria uma outra forma de expressar-se da vontade de um corpo cansado do próprio movimento. Todas essas formas de se configurar da vida que se manifestam pelos tipos de amor, proporcionados pelas disposições de vigor dos corpos, são a própria vida, ou seja, criação e concepção constantes; que só são possíveis no viver do homem enquanto conhecimento da vida, guiado pela “vontade de poder” em seu desdobrar-se enquanto vontade que valora e, assim, dispõe a realidade.

Aquele seguir a vida e cantar para ela é também uma forma do viver do homem, forma que, em algum momento, tem de firmar-se de novo para vigorar como “vontade de poder” que dá sentido à realidade. Zaratustra já havia caracterizado, naquele discurso que fez à velhinha, o homem como um guerreiro e a mulher como o seu descanso e um fruto do qual gosta, mas para desfrutar disso o homem corre certo perigo³³. Este perigo é o da batalha e tentativa de conquista do descanso, o risco do insucesso e não satisfação dos anseios e desejos. Em “Do ler e escrever” havia sido feita uma caracterização também daquele que teria chegado aos mais altos cumes do saber, como um guerreiro. Este tipo de homem seria corajoso, despreocupado, escarninho e violento, pois assim o quereria a sabedoria, pois **“ela é mulher e ama somente quem é guerreiro.”**³⁴.

Este guerreiro é aquele que passa pelos perigos da vida, ou seja, por todas as suas transformações, e, assim, corre o risco da vida pondo a sua própria vida em jogo. Pôr a vida em jogo não é nada mais do que encará-la em sua possibilidade mais própria, a de ser possibilidade de todas as possibilidades e constante mutação. Encarando-a dessa maneira, sabe-se que não se pode, nem se deve, conseqüentemente, querer ter controle sobre a vida, pois ela simplesmente acontece e tem-se que, inevitavelmente, passar por seus perigos; isto é, pela possibilidade sempre possível de reformulação e reconfiguração total da vida.

³³ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Das mulheres, velhas e jovens. p. 92.

³⁴ Idem. In: _____. Os Discursos de Zaratustra, Do ler e escrever, p. 67.

O homem do conhecimento, sendo como este guerreiro, é também um homem que passa pelos perigos da vida; todo homem passa inevitavelmente pelo perigo da vida, pois vive, e a vida é sempre já esse perigo. E, assim, é o homem o seu próprio perigo e o perigo da vida, ou, como está na quarta parte do Prólogo de Zaratustra: **“É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar.”**³⁵; pois é nele e através dele que a vida se manifesta e, sendo esta “vontade de poder”, ou seja, contínuo movimento de transformação, superação, o homem, encaminhado neste movimento, já é o que é desde o “super-homem” mesmo – que assim aparece como a possibilidade de todo possível. É no homem que a realidade da vida se torna possível, enquanto conhecimento que experimenta a realidade através de valores, como realização de uma vontade, a vontade da vida. O homem, neste vir-a-ser da realidade como realização de uma vontade, põe-se em direção ao “super-homem”, ou seja, como guerreiro, quer conquistar e apropriar-se de um sentido da vida, dar-lhe um fito. Este sentido e vontade vindo a ser no homem é a própria realidade constituindo-se e apresentando-se ao homem que assim se faz; é nele que a vida se manifesta. O sentido e “vontade de poder” do homem é o “super-homem”, o sentido da vida e a vida mesma, realidade vindo a ser enquanto aparecimento, ou, como diz Nietzsche em sua “Tentativa de Autocrítica” em “O Nascimento da Tragédia”, como fenômeno estético³⁶ que se conhece e experimenta apresentando-se em um querer da vontade manifesta no homem, que se configura e ordena enquanto realidade segundo esta vontade da vida.

O homem sendo desde o “super-homem”, e a própria vida vindo a ser, é “vontade de poder” que sempre dá um sentido à vida e, assim, concebe a realidade numa determinada forma. Esta forma e sentido da vida são as concepções do conhecimento sobre a realidade, que são sempre uma possibilidade do mar de manifestações da vida vindo a ser e aparecendo para o homem que atribui sentido a este aparecimento. O homem, como aquele guerreiro que quer conquistar e apropriar-se de um sentido da vida, arrisca-se dando uma definição ao que não tem definição. Pois a vida, a verdade, a sabedoria, a mulher, são sempre mais do que se

³⁵ Idem. In: _____. O prólogo de Zaratustra, 4. p. 38.

³⁶ Idem. O Nascimento da Tragédia. In: _____. Tentativa de Autocrítica, 5. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 18.

apresenta numa definição, e o homem, definindo o sentido geral de sua existência, joga com a própria mutabilidade da vida e dos sentidos que tudo nela possa ter.

Ao arriscar-se e levar adiante a sua empreitada de dar sentido à realidade, o guerreiro tenta dar à vida a face, a aparência, daqueles valores que fazem com que a vida se revele a ele como aquilo que ele mais quer, o bom, o melhor, o máximo da beleza. Para que isso aconteça é preciso que ele batalhe para fazer a sua vontade vigorar e assumir forma, o que exige certa violência, coragem e despreocupação próprias de quem leva o seu amor às últimas conseqüências, não tendo receio do que lhe aconteça nisto. Mas não quer subjugar a vida, pois sabe que não é possível lhe dar uma forma definitiva, pois assim, acabaria por extinguí-la. Um guerreiro não quer conquistar algo morto, ao menos o valoroso; apenas o covarde ressentido é que quer vingar-se da vida. Este, devido à sua delicadeza de “botão de rosa”³⁷, quer eliminar o peso que a vida lhe traz e tudo que lhe é doloroso, e, assim, precisa de asseguramento de tudo, não suportando a mutabilidade do movimento de constituição da vida. Quer seriedade e cobra responsabilidade daquilo que lhe ameaça a tranqüilidade e segurança, atribuindo-lhe culpa e punindo-lhe com o uso exacerbado do “chicote”.

O guerreiro valoroso não só aceita o movimento de mutabilidade da vida, como sabe ser este o seu próprio movimento de constituição, aquilo que ele mesmo é, a vida que nele se apresenta a si mesma ao propor-se como valor, forma e sentido. Este seu saber é o saber do “super-homem” como sentido da vida, a vida mesma constantemente vindo a ser, sendo contínuo movimento de transformação da totalidade daquilo que é. E, sendo tudo sempre essa totalidade que vem a ser a partir de si mesma desdobrando-se em valores, como instâncias que se contrastam e contrapõem para o aparecimento da realidade, tem-se, no saber da vida como o “super-homem” e “vontade de poder”, como inevitável parte da vida, e de sua realidade e constituição, tudo aquilo que pode ser considerado adverso, funesto, doloroso e perigoso; tem-se todos estes aspectos da vida, conseqüentemente, como parte integrante do próprio homem. Mas como a vida é esta alternância de estados

³⁷ Nietzsche, F. W. – Assim Falou Zaratustra – Os Discursos de Zaratustra, Primeira Parte, Do ler e escrever, pág. 67.

em contínua mutação, nem sempre se consegue suportar este movimento, fazendo parte do mesmo o fato de ele assumir, em algum momento, no homem, a forma e a disposição de um estado de ânimo de cansaço, raiva, frustração, etc.. Do nojo de tudo que é pequeno e mesquinho no homem é que Zaratustra sofre, e convalesce, por exemplo, em determinado momento³⁸, mas isto tudo é algo que tem que aceitar como parte do que é humano, presente na vida, assim como a dor, os riscos e perigos da existência, aquilo sem o qual as conquistas do que é grandioso não seriam possíveis.

Quando a vontade do corpo torna-se fraca e não consegue mais firmar-se na realização de seus desejos, isto é, enquanto “vontade de poder”, não pode mais manter-se como um vigorar desta vontade da vida e ser realidade, é que se pensa em domar a vida. Esta impotência do corpo em realizar sua vontade é, portanto, também “vontade de poder”, a própria vida manifestando-se enquanto definhamento e declínio de sua forma, mas apenas para a continuidade de seu movimento próprio de constituição de todas as formas, ou seja, transformação e superação destas. Com este cansaço da vida não se suporta mais o movimento incessante de sua constituição e conseqüente exigência de força de realização do próprio homem, que, enquanto não a enxerga como “vontade de poder”, diante das dificuldades de sua existência passa a querer que ela se apresente como algo estável e manso atribuindo-lhe essa finalidade, ou seja, quer que a realidade se dê e se apresente segundo formas idealizadas de um valorar a existência como algo que deve obedecer a uma vontade caprichosa e já sem amor, sem afeto algum pela vida, e que almeja apenas a um ultra-mundo de idéias imóveis inexistente, matando ou deixando morrer o que realmente vive e se apresenta efetivamente. Não tem a experimentação de que essa sua impotência é a própria vida que se manifesta como “vontade de poder” que, com esse cansaço, quer transformar-se, o que exige a superação de sua forma de apresentação. Mas, é uma vontade caprichosa pois, tendo inveja de toda realização da vida, quer que o seu cansaço se estenda a tudo o mais, no desejo de estancamento e repouso de todo movimento, ou seja, quer que a própria vida torne-se impotente assim como ela. Isto não pode admitir Zaratustra que é um guerreiro valoroso e usa do chicote apenas na medida certa para dar à vida a

³⁸ Idem. op. cit. In: _____. Terceira Parte, O Convalescente, p. 257.

direção de seu movimento e sentido de sua constituição no realizar de sua vontade enquanto aparecimento, pois já havia redimido todas as coisas de sua escravidão à finalidade quando descobriu que por cima de todas elas estava o “céu acaso”³⁹, ou seja, o “super-homem”, a selvagem vontade da vida. E, assim, sabia que este “céu” da vida é **“o salão de baile de divinos acasos... divina mesa para divinos dados e jogadores de dados!”**⁴⁰; divinos jogadores estes que são aqueles guerreiros corajosos, despreocupados, escarninhos e violentos, pois arriscam-se e impõem-se no jogo da vida, **“porque divina mesa é a Terra e trépida de novas palavras criadoras e divinos lances de dados”**⁴¹, como dirá Zaratustra mais tarde. Também ensinará não haver importância quando do malogro de um desses lances de dados, ou seja, de qualquer evento da vida, pois **“Não estamos sempre sentados, porventura, a uma grande mesa de jogo e de chacota?”**⁴²; mesmo que qualquer coisa seja malograda, isso não indica que não se pode seguir, “passar além”⁴³: **“Mas se o homem se malogrou; pois seja! avante!”**⁴⁴, e esse deve ser o remédio, então, daquele “convalescente” ou de qualquer cansaço.

Este escarnecer e chacotear são o riso e a zombaria necessários para que a vida tenha a beleza e a leveza de ser encarada como uma grande brincadeira. É uma malícia que permite rir dos próprios erros, mas que não deixa de ter uma certa seriedade, pois, como crianças que levam a sério suas brincadeiras, não se deixa de ter uma “responsabilidade” ao jogar o jogo da vida, afinal de contas, joga-se com os sentidos e direções que as coisas podem tomar. Esse riso da chacota e do escárnio não são mero abandono de uma procura de um sentido da vida, pois se sabe que ela não pode ser vivida sem sentido; são o tomar a vida na direção do “super-homem”. Dessa maneira, encara-se a existência como a possibilidade sempre presente de se tomar, inventar e dar novo sentido para tudo, visto que a vida não pode deixar de querer, e, assim, propõe-se em valores através dos homens, tomando forma e sentido. Ora, e o que é a sabedoria, ou o conhecimento, se não este propor-se da vida como valores através do homem? E é por isso que ela ama

³⁹ Idem. In: _____. Terceira Parte, Antes que o sol desponte. p. 199.

⁴⁰ Ibidem. p. 202.

⁴¹ Idem. In: _____. Terceira Parte, Os sete selos (ou: A canção do Sim e Amém). p. 272.

⁴² Idem. In: _____. Quarta Parte, Do homem superior. p. 341.

⁴³ Idem. In: _____. Terceira Parte, Do passar além. p. 212.

⁴⁴ Idem. In: _____. Quarta Parte, Do homem superior. p. 342.

apenas a quem é guerreiro, a quem joga o jogo do sempre dar novo sentido para a existência.

Assim procede aquele que se descobre a si mesmo, quer dizer, aquele que desvenda a sua própria natureza, aquele que se sabe como “vontade de poder” da vida manifestando-se e apresentando-se como seus próprios “bem” e “mal”, entre o que quer e o que não quer, como homem na direção do “super-homem”. E este, assim como Zaratustra, ao ser este movimento de constituição da vida sempre em direção a si mesma no contínuo configurar-se de sua realidade, move-se contrariamente à grave seriedade de todo saber e conhecimento que queira estabelecer e fixar verdades imutáveis acerca da vida. Move-se, desta forma, contra todo cego e inseguro dogmatismo de uma vontade que quer estender a todas as coisas uma única verdade e finalidade, aquela das formas fantasiosas de seu “corpo” e “espírito” fracos, e por isso já delirantes. Sabe ser a realidade a disposição que a vontade da vida toma através dele na forma de seu experimentar e, assim, conhecer o mundo guiados pelos valores com que nele se propõe a própria vida enquanto “vontade de poder”. Assim, combate todo esse grave e sério dogmatismo que Nietzsche, através das palavras do seu Zaratustra, denomina “espírito de gravidade”, pois o descobrir a si mesmo é dizer: **“Este é o meu bem e mal.’ Destarte, fez calar-se a toupeira e anão que diz: ‘Bem para todos, mal para todos.’”**⁴⁵, ou seja, fez calar-se o “espírito de gravidade”.

Ao usar de força para manifestar-se, esse “espírito de gravidade” usa do chicote de tal maneira que assassina os pensamentos⁴⁶. Isto quer dizer que este proceder tira dos pensamentos a força de vida, já não dá a eles uma forma em que se realizem e vigorem como realidade. Essa vontade configura-os apenas como aquelas formas ideais que recusam, rejeitam e se afastam da realidade justamente por almejarem, enquanto forma de valor, algo que não existe, algo que não pode existir ou vigorar enquanto realidade, por não ter a força necessária de sua realização ou a firmeza de vigor exigida para que permaneça enquanto aparecimento e fenômeno constituinte da vida. Ao persistir, então, caprichosamente

⁴⁵ Idem. In: _____. Terceira Parte, Do espírito de gravidade. p. 232.

⁴⁶ Idem. In: _____. Terceira Parte, O outro canto de dança. p. 269.

nesse direcionamento de sua vontade, o “espírito de gravidade” vingá-se da vida, direcionando a sua força para a destruição e enfraquecimento desta. Quando Zaratustra usa de seu chicote a vida pensa que ele tem a intenção dessa vingança invejosa, e, então, pede-lhe que pare com esse uso da força para que os pensamentos não sejam aniquilados, para que ele não a mate e, assim, destrua a si próprio. Mas disto bem sabe Zaratustra e, como guerreiro e jogador de dados que é, tem sempre a sua vontade voltada para o “super-homem”, tendo sempre os seus pensamentos, e conseqüente conhecimento, ou sabedoria, também voltados para este, para a plena manifestação da vontade selvagem e mutável da vida. Mesmo que para isso seja preciso usar do chicote, usar de força para que a vontade da vida, que vem a ser em seu querer, realize-se e para que as formas de aparecimento da realidade tenham vigor e energia.

Quando a vida pergunta a Zaratustra o que vem a ser a sua sabedoria⁴⁷, este a caracteriza como mutável e feminina, quer dizer, inconstante e de vontade indefinível. Diante disto a vida lhe indaga o porquê de estar falando dela mesma e pede novamente para falar da sua sabedoria. Isto se dá pois as duas são tão parecidas, justamente por ser a sabedoria de Zaratustra o seu conhecimento do “super-homem”, que é conhecimento da própria vida, não sendo outra coisa que “vontade de poder”, assim como todo saber da realidade do mundo. E “vontade de poder” não é nada mais do que o constituir-se da vida e efetivar-se de sua realidade assumindo forma e sentido no experimentar de seu aparecimento pelo homem. Por isso, o viver do homem é o seu conceber a realidade na forma de seu conhecimento; sua vida é o valorar de uma vontade que experimenta o mundo dando-lhe forma e sentido. A vida, e sua realidade, é forma e sentido assumidos e possibilitados desde o “super-homem” através do homem; isto é, por si mesma através de si mesma. Constituindo-se e configurando-se dessa maneira, enquanto conhecimento de si mesma, a vida é superação das suas próprias formas de manifestação, pois sempre se transforma no vir-a-ser de sua vontade no homem.

A sabedoria é, então, a vida que se propõe, enquanto “vontade de poder”, como valor através do homem; e o viver do homem é o conhecer dessa realidade da

⁴⁷ Idem. In: _____. Segunda Parte, O canto de dança. p. 139.

vida que assim se lhe apresenta, é a sabedoria a própria vida vindo a ser e apresentando-se para si mesma como constituir-se do homem. É a vida o próprio homem, a corda que se estende em direção ao “super-homem”, é sempre a superação e um novo configurar-se de si mesma enquanto conhecimento de sua própria realidade, a sabedoria que valora e, assim, ordena, concebe e gera a própria vida.

O conhecimento de Zaratustra, sendo a sabedoria daquele que descobriu a si mesmo, é o conhecimento do “super-homem”, ou seja, é o conhecimento que valora e ama, acima de tudo, o próprio constituir-se da vida e seu contínuo vir-a-ser mutável e selvagem. Por isso Zaratustra usa de seu chicote apenas na medida certa, pois tem o conhecimento de que querer domar a vida através de rígidos conceitos e graves verdades é matar o próprio pensar. Ou seja, é não conhecer mais, não ser mais, pois ser e existir para o homem é ter continuamente a vida vindo a ser através de si apresentando-se como realidade para o seu conhecimento, mostrando-se como ordenação de si mesma, arranjando-se enquanto vontade, e, por isso, um querer sempre para além de si, querer mais, querer de novo tudo novo e re-arranjado, reconfigurado através de seu vir-a-ser no homem, que por isso também não pode deixar de reconfigurar a si mesma e ao seu conhecimento usando do chicote de maneira adequada. Pois, se assim não fosse, a vida não poderia mais conceber-se através do homem, e, por conseguinte, não existiria. Por isso, após falar a Zaratustra sobre o assassinato dos pensamentos, termina a vida também por lhe dizer: **“Se algum dia a tua sabedoria te abandonasse, ah, então, logo te abandonaria, também, o meu amor.”**⁴⁸; quer dizer, se deixasse de existir no homem o seu conhecimento enquanto configuração da realidade da vida, deixaria de existir a paixão e o afeto desta por ele, ou seja, o querer da “vontade de poder” que valora e dá sentido à existência do próprio homem; que não pode existir senão como corda que se estende em direção ao “super-homem”, quer dizer, em direção ao sentido mesmo de vida enquanto movimento de geração e concepção de forma.

⁴⁸ Idem. In: _____. Terceira Parte, O outro canto de dança. p. 269.

Conclusão

Ao se tentar dizer o que é a vida, dá-se a ela um aspecto, uma forma na qual ela pode aparecer, um sentido em que ela pode ser concebida e de acordo com o qual irá desvelar-se em seu vir-a-ser como continuidade de aparecimento de forma, como aspecto que toma, enquanto sentido, o seu próprio vir-a-ser. A perspectiva na qual se apresenta a vida não é só o “como” se olha, mas constitui também desde o começo o “de onde” se olha e o “para onde” se olha. É a realidade constituindo-se, através do conhecimento humano, em seu efetivar-se como aquilo que ela já é, que é vir-a-ser. Ao se caracterizar assim a realidade em uma perspectiva que a concebe como esta totalidade que não vem a ser por uma soma de partes que se relacionam,

afirma-se o contrário do que a teoria do conhecimento faz, fragmentando a vida em planos distintos e atribuindo substancialidade a um ou outro plano, ou seja, idealizando aquele que seria fixo, justamente aquele que não existe. Como já vimos, a forma que não tem força para manter-se como contínuo aparecimento deixa de ser ou não figura como realidade; e porque forma só é concebida através do conhecimento, este é, então, o “como”, “de onde” e “para onde” se constitui a realidade como perspectiva. É a vida vindo a ser enquanto criação no homem e o homem vindo a ser enquanto criação da vida. Nesta atribuição de sentido à vida pelo homem, neste vir-a-ser do sentido da própria vida enquanto perspectiva e realidade, é que se abrem todas as possibilidades deste criar que é a vida sendo homem em seu vir-a-ser no conhecimento.

Na teoria do conhecimento este próprio criar vindo a ser quer estancar-se enquanto expressão da vida, sendo a própria vida concebendo-se como movimento de sua aniquilação. Mas, enquanto movimento, nunca cessa seu vir-a-ser, e com o Zaratustra de Nietzsche concebe o seu próprio elogio na exaltação de seu “eterno retorno”, de sua própria e eterna brincadeira criadora de sentidos, ao caracterizar-se como “super-homem”, “vontade de poder”, “sentido da terra” etc. Com esta “filosofia do martelo e do cinzel” torna-se evidente o caráter da vida de ser expressão de conhecimento enquanto arte do sentido de realidade, a sua forma esculpida no seu vir-a-ser, o seu expressar-se como homem. Isto tal filosofia traz à tona apresentando a realidade em seu caráter mais próprio: o de vida, que é o conceber-se no viver do homem criando forma ao dar sentido ao próprio aparecimento – sentido que é perspectiva, intenção, querer, desejo, gosto.

Sendo a vida, a realidade, perspectiva de si no conhecimento humano, não pode ser apreendida por um “conhecimento imaculado”, ou seja, sem interesses, sem interferência de paixões, pois não é uma “coisa-em-si objetiva”, mas sua própria criação pelo homem, que, por sua vez, não é um “sujeito ensimesmado”, mas criação daquilo que seria seu próprio objeto mas não é, porque é expressão da vida, é o seu próprio viver. O homem é seu próprio vir-a-ser, a vida manifestando-se e aparecendo para si mesma e por isso um dar-se gratuito de perspectiva na criação

de sua realidade. O homem é possibilidade de manifestação da vida, e por isto ele é a própria vida, realidade e perspectiva, arte e transformação de si mesmo como vir-a-ser e eterna criação. Por ser ele mesmo esta totalidade o homem não pode ser separado do resto da realidade e tomado por si só, de uma certa maneira ele é a própria vida. Mas a vida não é o homem, porque ela não se esgota como este ou aquele aspecto individual de sua realidade. Ela só é o próprio homem quando este é pensado como totalidade do efetivar-se de sua realidade vindo a ser como possibilidade de apresentação; ou seja, não é um sujeito específico ou qualquer objeto determinado.

E também não é isoladamente nenhum aspecto ou perspectiva sua, nenhum caráter de ser independente ou destacado. Por isso, a sabedoria é a vida, assim como o homem, mas a vida não é a sabedoria, que é apenas uma de suas possibilidades, que tomada como algo em si não é mais nada, pois aquilo que é, a vida, é a totalidade de suas possibilidades. Nesse sentido é que se pode dizer que o conhecimento é o “super-homem”, mas o “super-homem” não é o conhecimento; aquele pode apresentar-se como este, pois é a possibilidade de todo possível, mas justamente por isso é, a rigor, inominável, assume apenas o aspecto e o sentido de sua perspectiva no conhecimento humano que permitem chamá-lo mesmo de vida, realidade, ou antes, de “super-homem”. Ou seja, ele não é forma fixa, é a cada vez a forma que assume como perspectiva do conhecimento, vida sendo perspectiva de si mesma enquanto vida, ou enquanto “super-homem”, “vontade de poder”, “sentido da terra” etc. O “ser” de tudo, assim, torna-se fumaça⁴⁹, assumindo continuamente as formas e os sentidos de sua própria vontade. Mas o próprio Nietzsche sabia com Heráclito que: **“Se todos os seres em fumaça se tornassem, o nariz distinguiria.”**⁵⁰ E através do seu Zaratustra, a vida, esta fumaça, pode então se realçar como o “super-homem”, o “sentido da terra”, e a sua “vontade de poder”, no conhecimento perspectivo de si mesma, no movimento espontâneo de geração e destruição da sua própria forma.

⁴⁹ Idem. Crepúsculo dos Ídolos. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.. p. 37.

⁵⁰ SOUZA, J. C. de (org.). Os pré-socráticos. In. _____. Heráclito de Éfeso, B – Fragmentos, 7. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores. p. 80.

Referências:

FOGEL, G. Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

HEIDEGGER, M. Ensaios e conferências. In: _____. Quem é o Zaratustra de Nietzsche?. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEBRUN, G. (org.). Nietzsche: Obras incompletas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores.

NIETZSCHE, F. W. O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. A gaia ciência. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Genealogia da moral: uma polêmica. 1. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar com o martelo. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..

_____. O anticristo: ensaio de uma crítica do cristianismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..

_____. Ecce Homo: como tornar-se o que se é. São Paulo: Max Limonade, 1980.

_____. Cinco prefácios para cinco livros não escritos. Rio de Janeiro: Sette Letras, s.d..

SOUZA, J. C. de (org.). Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores.